

CARRIS ARTE EM MOVIMENTO : 4 PROPOSTAS/4 ARTISTAS

Alexandre Farto / Ascensor da Bica
Vasco Araújo / Ascensor do Lavra
Susana Anágua / Ascensor da Glória
Susana Mendes Silva / Elevador de Santa Justa

6 de Janeiro a 30 de Junho 2010

‘CARRIS_Arte em Movimento’ - um programa que visa estabelecer um compromisso da Carris com a arte contemporânea portuguesa – consiste num desafio lançado a quatro artistas portugueses para intervirem sobre os Ascensores da Bica, Glória e Lavra e Elevador de Santa Justa, na perspectiva de estabelecerem uma ponte entre um passado de histórias e vivências com o presente e o futuro, aqui representados por Alexandre Farto, Susana Anágua, Vasco Araújo e Susana Mendes Silva.

Quatro propostas que despertam os sentidos para uma nova paisagem urbana de bairros históricos alfacinhas, através da (re)descoberta destes quatro emblemáticos veículos, classificados como Património Nacional. Mais do que servir a mobilidade de pessoas ao longo de gerações, estes equipamentos amarelos caracterizam a memória visual de Lisboa e proporcionam experiências inesquecíveis a todos aqueles que nos visitam. Esta iniciativa é também um desafio aos habitantes locais que, ao longo de seis meses, terão a oportunidade de conviver com um ‘novo vizinho’ de sempre.

Propostas diferentes tal e qual como têm sido as suas utilizações e percursos que ligam dois pontos, a partida e a chegada, o passado e o presente, e que ganham agora uma nova atracção através da intervenção destes quatro artistas.

Mais do que um projecto, ‘CARRIS_Arte em Movimento’ apresenta-se como uma oportunidade de interacção, de diálogo e de desenvolvimento de uma ligação emocional da Carris com a cidade de Lisboa e com os utentes com quem partilha o seu dia-à-dia. Uma oportunidade de se relacionar com aqueles de quem tenta aproximar-se mais e melhor, através de um Programa Cultural específico de promoção de Arte Pública que pretende desenvolver por via de alguns veículos da sua frota de serviço público, como reconhecimento da importância e do papel que as artes e a cultura têm no contexto económico e social da cidade de Lisboa e do nosso país.

A inauguração desta iniciativa terá lugar no dia 6 de Janeiro de 2010, às 10h, tendo início no Ascensor da Bica (entrada pela Rua de S. Paulo nº 234), integrando ainda, uma visita ao Elevador de Santa Justa, ao Ascensor do Lavra e ao Ascensor da Glória.

Projecto patente até dia 30 de Junho de 2010.

Uma iniciativa CARRIS; Curadoria e Produção: BLUG, Design, Senses & Art com o apoio de Maria do Mar Fazenda e Filipa Oliveira.

www.carris.pt
4 Propostas | 4 Artistas



INICIATIVA

carris 

APOIO 
cme

Alexandre Farto

ASCENSOR DA BICA

ESPECTRO

A trajectória realizada pelo Ascensor da Bica acontece ao longo de um eixo, a Rua da Bica de Duarte Belo, que une duas linhas paralelas à superfície reflectora do Tejo, a Rua de São Paulo e a Calçada do Combro. No cimo do trajecto é-nos revelada, sobre o espelho-rio, uma constante transformação que se reproduz, também, na modificação que, ao longo do dia/noite, se dá na “paisagem vivencial” da rua em que o ascensor transita. Durante o dia a rua é povoada pelas pessoas que habitam no bairro da Bica – uma amálgama de gerações, actividades e propósitos –; ao cair do dia, as pessoas que ali vivem recolhem-se e abrem espaço a uma vivência mais circunstancial, que recicla a vida daquele lugar até ao romper do quotidiano diurno. O Ascensor da Bica faz parte integrante deste quadro – integra-se na história, vivência e configuração do bairro – que é activado pelas gentes que por ali transitam. Foi sobre esta espécie de cinema (espaço-reflexo), que surge da vivência particular que sobrevém neste trajecto, que Alexandre Farto decidiu trabalhar. A localização para a sua intervenção desde cedo se fixou no exterior do ascensor, por pressentir que é do movimento da cabine por entre aquele cenário que se potencia a dinâmica desta rua lisboeta. O artista decidiu celebrar a experiência renovada do dia-a-dia que exala das gentes, frontarias e de todos os elementos característicos desta artéria da cidade.

Alexandre Farto tem vindo a estabelecer uma linguagem que articula, de modo arguto, a Arte com a expressão urbana - o grafitti, os cartazes e outras intervenções. O artista traduz num vocabulário imagético, e através de uma sensibilidade plástica, as tensões (visuais) que advêm da vivência da cidade. A dialéctica entre Arte-Vida, enquanto modus operandi, inscreveu-se na prática do artista contemporâneo e Alexandre Farto integra esta dualidade de modo intenso no seu trabalho. O título “Espectro” condensa conceptualmente a sua intervenção que se concretizou no forrar com uma superfície de espelho a totalidade do exterior dos ascensores. A origem latina de espectro é spectrum e significa visão, neste caso uma visão em movimento que integra uma realidade também em movimento. Falava-se de cinema, desta capacidade de fixar por breves momentos imagens em constante transformação. Mencionou-se a integração da vida, do quotidiano da cidade, num ecrã de significação (Arte). O suporte das paredes urbanas para expressões diversas é, novamente e como tem vindo a ser coerentemente assimilado no trabalho de Alexandre Farto, devolvido, traduzido e acrescido de novos significados. Um cinema que integra a arte da vida.

Alexandre Farto nasceu em 1987 em Lisboa. Vive e trabalha entre Lisboa e Londres. Em 2007, apresentou o seu trabalho numa intervenção específica no MACE, Museu de Arte Contemporânea de Elvas; em 2009, inaugurou duas exposições individuais, na galeria Vera Cortês, em Lisboa e na galeria Lazarides, em Londres.



PROGRAMA DE APOIO
À ARTE CONTEMPORÂNEA
PORTUGUESA

Vasco Araújo ASCENSOR DO LAVRA

A VIAGEM

O trajecto do Ascensor do Lavra, assim como a zona onde está inserido, remete-nos para um tempo-outro. O percurso e a paisagem bucólica que desvenda perfaz uma viagem que expande a nossa noção de tempo; durabilidade e permanência são dois conceitos com que nos confrontamos ao longo deste trajecto. O seu percorrer ao longo de uma ladeira muito escarpada e por entre muros seculares (quase que ininterruptamente constituídos por paredes cegas) transfigura-se numa viagem introspectiva. E o movimento da paisagem que se sucede no exterior é propício ao desamarrar de considerações por aquele que está parado no seu interior. A ideia do viajar (e potenciada pela deslocação ascendente ou descendente) pode ser considerada como uma metáfora dessa grande viagem que é a Vida. As grandes questões filosóficas que nos acoçam desde tempos primórdios são a base dos escritos clássicos. É a literatura e os temas Humanistas, que autores como Eurípedes, Aristóteles, Homero, Shakespeare, Cesare Pavese ou Samuel Beckett abordam, que Vasco Araújo tem vindo a invocar no seu trabalho. A intervenção para o Elevador do Lavra, que o artista intitulou de “A Viagem”, pede de empréstimo excertos da obra de Fernando Pessoa que entremeia com pensamentos de sua própria autoria. Uma reflexão sobre a viagem – a que está decorrer no momento, o trajecto prosaico de começar num ponto e chegar a outro – intercalada com pensamentos, questões e invocações sobre a nossa viagem maior.

A obra de Vasco Araújo, a par das várias referências literárias, incorpora variados materiais e suportes e a melhor maneira de descrever o seu trabalho será numa lógica formal expandida. Uma história, uma conversa, um escrito, um dado biográfico, uma memória, uma ópera, o presenciar, o viajar, o conhecer, um desenho, uma escultura ou uma arquitectura são elementos que se entrecruzam e informam o grande mapa que no seu conjunto inteiram as propostas de Vasco Araújo. No caso concreto da intervenção no Ascensor do Lavra, o artista articula uma identificação, de facto, de uma vivência daquele lugar. Em consequência da sua partilha, propõe que a experiência daquela viagem seja a da fruição de um lugar de encontro. “Ah! Os caminhos estão todos em mim” é uma das frases (de Pessoa) que imprimiram relevo nas placas que ocuparam o seu lugar nos assentos do ascensor. São pensamentos para acompanhar os passageiros, os viajantes, a comunidade. E no processo de leitura das frases que se encontram entre os passageiros, o olhar entre as pessoas e um entendimento/conversa silenciosa por via daquilo que é convocado nas frases é desencadeado. Um espaço de emancipação, de promoção da identidade de cada um é processo que o artista acciona.

Vasco Araújo nasceu em 1975 em Lisboa, cidade onde vive e trabalha. Vasco Araújo expõe o seu trabalho desde 2000, em Portugal e no estrangeiro, e tem vindo a desenvolver um percurso artístico que utiliza, aborda e integra diferentes materiais e suportes. Representou Portugal, conjuntamente com Ângela Ferreira, na 28ª edição da Bienal de São Paulo (2008). Em Fevereiro deste ano, inaugurou a exposição individual “ECO” no reconhecido Museu Jeu de Pomme em Paris.

INICIATIVA

carris 

APOIO



cme

Susana Anágua ASCENSOR DA GLÓRIA

IN.TER.SEC.ÇÃO

No desfecho do século XIX o sistema de tracção utilizado pelo Ascensor da Glória consistia num esquema de cremalheira e cabo por contrapeso de água. Os dois volumes, ligados entre si, entravam em movimento iniciando uma acção de contrabalanço: cada um transportava um reservatório de água que era transferida do ascensor que descia para o que subia. Alternando pesos, repartindo forças e gerando energia. No percurso dos 265 metros que os dois ascensores continuam a percorrer diariamente há um preciso período de tempo e espaço em que os dois ascensores se encontram e transitam em paralelo e em proximidade. Um momento de contrapeso, de equilíbrio de força e tensão. É sobre “mecanismos actuantes e pactuantes da Entropia da matéria” que Susana Anágua tem vindo a desenvolver a sua pesquisa visual. Como certamente descreve Leonor Nazaré, Susana Anágua segue a lógica de estruturas como “grelhas, ciclicidade, magnetismo, suspensão, equilíbrio, movimento, atracção, oposição”, devolvendo-lhe expressão artística, ao que a curadora sintetiza afirmando que “no seu trabalho o mundo são campos de forças invisíveis agindo sobre o peso da matéria, imprimindo-lhe transformação e movimento”. O questionamento da natureza em paralelo com as relações de proximidade, de proveito ou de inter-dependência com várias medidas mecânicas ou tecnológicas, é o foco de atenção que a artista tem vindo a desenhar no seu percurso artístico, sob o formato fotográfico, vídeo ou de esculturas-instalações.

A intervenção no Ascensor da Glória concebida por Susana Anágua concentra-se sobre o exercício mecânico – o da troca de forças – que se dá entre os dois ascensores; estabelecendo assim uma relação muito coerente com a sua prática mais recente em torno da Entropia. O momento de troca de pesos e o seu fugaz momento de equilíbrio é o espaço-tempo que a artista torna visível e adopta como matéria para o seu trabalho artístico. É o espaço envolvente (as paredes e o chão) localizado a meio do período do trajecto – aquele quando os ascensores se cruzam – que é intervencionado. Um dispositivo composto por tinta foto luminosa e sensores assinala este momento entrópico (troca de esforço). Os utentes do elevador assim como os transeuntes, experienciam esta passagem de esforços de um modo inesperado e mágico – é produzido um flash que resulta da energia da passagem dos ascensores que é recuperada e devolvida pela tinta sensível. Na Calçada da Glória testemunhamos uma réplica desta tensão ubíqua e incorpórea, ao presenciar este momento ou através do visionamento das lupas localizadas nas extremidades do trajecto e direccionadas para essa ocorrência.

Susana Anágua nasceu em 1976, em Torres Vedras. Vive e trabalha em Lisboa e em Londres. Em 2005, participou na exposição “Sete Artistas ao Décimo Mês (7/10)”, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa. Em 2008 apresentou no contexto das “7 Maravilhas de Portugal EDP” um projecto específico para o Mosteiro da Batalha e a exposição individual “Desnorte” no CAM da Fundação Calouste Gulbenkian.

Susana Mendes Silva

ELEVADOR DE SANTA JUSTA

SANTA JUSTA

<http://santa-justa.blogspot.com>

Querido(a) Passageiro(a)

Às 14 horas do dia 10 de Julho de 1902 o Elevador de Santa Justa foi aberto ao público, “que pagava para descer 10 reais e para subir 1 vintém”, agilizando a circulação por entre a sinuosa geografia tão característica de Lisboa das pessoas que vivenciavam a baixa da cidade. A viagem de duração muito curta, num espaço reduzido e sem grande visibilidade para o exterior convocava (e continua a invocar) um momento de circunspeção. Uma circunstância de ponderação individual e colectiva – de tomada consciência do Outro.

Susana Mendes Silva tem vindo, precisamente, a abordar uma prática artística que promove a envolvimento do observador no processo artístico, na obra de arte ou, a limite, o trabalho incute a ideia de que o espectador (o usufruidor, o passageiro, o Outro) completa a obra de Arte. Trata-se de um trabalho que se posiciona na senda do conceito de “Estética Relacional” cunhado pelo teórico francês Nicolas Bourriaud, que compreende as práticas artísticas que trabalham em função dos contextos, comunidades e circunstâncias particulares em que os artistas operam nesta era globalizante. Foram igualmente as características formais com que Susana Mendes Silva tem desenvolvido o seu trabalho que se configuraram como as ideais para uma intervenção no espaço específico do Elevador de Santa Justa. O carácter intimista da cabine do elevador foi desde logo eleito como lugar para a sua proposta de “interferência”. Entrar em diálogo com os passageiros, com uma comunidade passageira, em trânsito e em constante deslocação. É de frisar que este é o itinerário com maior afluência de turistas; por outras palavras, naqueles reduzidos metros quadrados, atentas e em convivência num parco período de tempo, estão reunidas pessoas de origens várias, com diferentes culturas e portadoras de experiências diversas. Criar um momento de comunidade é como pode ser sintetizada a intervenção de Susana Mendes Silva no Elevador de Santa Justa. Querido(a) Passageiro(a)... é como a artista se dirige a esta comunidade passageira, numa mensagem traduzida para vários idiomas, que foi inscrita nas janelas da cabine. De um modo afectuoso dirige-se ao desconhecido, criando por breves momentos uma correspondência com o anónimo e que, por consequência desta, repercute uma consciência no colectivo do qual temporariamente faz parte. A proposta de Susana Mendes Silva segue a premissa de que determinadas narrativas têm a capacidade de articular o particular com o universal, o privado com o público, o íntimo com o incógnito. Frequentemente recorre a factos históricos ou a estórias populares que constituem matéria para o seu trabalho. Neste caso concreto remete para as características e história específicas do lugar e convida as pessoas a inscreverem esta experiência numa genealogia maior ao solicitar que estas contribuam para um álbum virtual (blog) que guarda a experiência daquele percurso.

Susana Mendes Silva nasceu em 1972, em Lisboa. Vive e trabalha em Lisboa e Londres. Desde 2000 que participa em várias exposições e projectos específicos para lugares museológicos assim como para espaços de exposição alternativos. Em 2008 apresentou a complexa instalação “square disorder” na Appleton Square, um projecto que destabilizava a (i)materialidade do desenho ao convocar o espectador na participação.

Para mais informações contactar:

Lourenço Lucena (BLUG) – 919785527 | x@blug.pt
Luís Vale (CARRIS) – 963471006 | luís.vale@carris.pt

INICIATIVA

carris 

APOIO 
cme